

Alberto Vilaça

António Avelãs Nunes

O quê? O Vilaça faz oitenta anos? Foi esta a minha primeira reacção quando a Natércia me pediu um depoimento para um livro que estava a preparar para lembrar os oitenta anos do Alberto. Rapidamente caí em mim. Pois é. Eu vou fazer setenta e o Vilaça era mais velho do que eu...

Mas a minha reacção foi exactamente aquela: O quê? O Vilaça **faz** oitenta anos? Raciocinei como se ele não tivesse partido. Realmente, a presença do Alberto Vilaça era tão certa, tão segura, tão previsível em toda a parte onde é preciso estar, que dá vontade de fazermos de contas que ele não nos deixou. É reconfortante para os seus amigos pensar assim. Mas ele partiu mesmo, e, no entanto,

continuamos a sentir a sua presença, como se nada tivesse acontecido.

Creio que conheci o Vilaça no início dos anos 1960 nas sessões do Clube de Cinema, a que ele não faltava e eu também não. Encontrei-o por essa altura na mesa de *A Brasileira* (que ele celebrou em livro), onde se sentava com o irmão Mário, o Rui Clímaco, o Doutor Paulo Quintela e o Santos Ventosa. Alguns anos mais tarde eu próprio ganhei estatuto para me sentar a essa mesa.

Em 1968 ou 1969, quando eu e outros amigos entrámos para a Redacção da *Vértice*, fizeram-se umas quantas reuniões com antigos membros da Redacção, para passagem de testemunho. No quadro da *Vértice*, recordo-me bem do parecer que lhe pedi acerca de um texto sobre um tema de Economia, que analisava com vista a eventual publicação na revista. O Vilaça era advogado, mas conhecia profundamente os textos económicos de Marx e o pensamento dos autores marxistas, fazendo-me ver, com argumentos muito sérios, que o texto tinha qualidade, mas não era um texto marxista, mas subsidiário das teses de Sombart. Esta uma primeira lição que aprendi com ele: um marxista não pode ignorar os fundamentos da teoria económica de Marx.

Pelos anos fora, a vida proporcionou-me múltiplas ocasiões para me encontrar com o Alberto Vilaça e para trabalhar com ele. Aconteceu várias vezes em iniciativas do Ateneu de Coimbra, ou em actividades culturais, ou nos trabalhos da Comissão Promotora do Museu do Neo-Realismo; mas, sobretudo, em iniciativas de carácter político. Militante do PCP desde muito jovem, a PIDE prendeu-o e condenou-o por isso mesmo. Conhecia-o mal nessa altura, mas lembro-me bem de ver a Natércia com as meninas e de a ver em *A Brasileira* na mesa com a Etelvina Louzã Henriques, companheira de outro amigo preso por essa altura.

Na minha apreciação, depois que o conheci, o Vilaça foi sempre um militante disponível, cumpridor e exigente consigo mesmo, que dedicava muito tempo ao Partido. Mas não esgotava na militância partidária a sua vida e a sua cidadania. Ele era um homem da família, dedicado à Natércia e às filhas. Ele cultivava o hábito coimbrão da tertúlia. Ele era um frequentador assíduo de actividades culturais. Gostava de se divertir e era gostoso ouvi-los (a ele e à Natércia) falar das suas aventuras de turistas-campistas, por essa Europa fora, contando histórias de espantar, que, se não eram como as da Nau Catrineta, não ficavam atrás das histórias de caçadores. O Vilaça era um leitor compulsivo, que tinha notas e apontamentos sobre vários temas. E era um coleccionador, de livros, de objectos e de documentos. Estou convencido de que o seu espólio poderá interessar às instituições científicas de Coimbra. Era um investigador por gosto, que a si mesmo se obrigava ao rigor dos profissionais na recolha das fontes e no seu tratamento, trabalho de que se ocupou, empenhadamente (heroicamente!) e amorosamente, quase até aos últimos dias e do qual beneficiam hoje os que se interessam pela história de Coimbra, pelos acontecimentos da vida quotidiana desta cidade e pela vida cultural dela e também pela história da presença do Partido Comunista na cidade do Mondego. Antes que me esqueça: o Alberto Vilaça ganhava a vida como advogado, dignificou-se no exercício desta profissão e honrou a advocacia de Coimbra e de Portugal, pela sua competência e pelo sentido ético que imprimia ao seu trabalho. Viveu muitas vidas numa só vida o Alberto Vilaça.

Mas foi no trabalho político que o acompanhei mais de perto.



Dr. Alberto Vilaça
em Coimbra, 1971

Sobretudo em reuniões de trabalho. Dava gosto trabalhar com ele. Ao contrário de um impulsivo como eu, ele era a serenidade em pessoa. Não me recordo de o ver exaltar-se ou de o ver berrar ou falar alto. Aguardava pacientemente a sua vez de intervir. E, quando havia controvérsia na discussão, a intervenção dele era muitas vezes decisiva. Sabendo bem que a vida é um permanente *devenir*, Alberto enquadrava sempre o problema em análise na sua história ou na história das circunstâncias em que ele tinha surgido. Os que o conheciam menos perguntavam-se às vezes: onde é que este quer chegar? O convívio com ele fez-me rapidamente perceber que as histórias que ele contava eram essenciais para se perceber o alcance da sua argumentação. E — ou não fosse ele advogado de profissão — o Vilaça sabia argumentar, arrumando o discurso com inteligência, apelando muito pouco para o sentimento e muito mais para a razão. Quando ele acabava de falar, seguia-se quase sempre um compasso de espera, porque não era fácil responder-lhe de rompante. Ele era um espírito reflexivo e obrigava os companheiros a reflectir. Fiz dele este juízo desde as reuniões da *Vértice* que refiro atrás. Esta forma séria e madura de argumentar era uma das qualidades que mais admirava nele, como intelectual e como militante político. Esta sua maneira de ser revelava, a meu ver, a preparação rigorosa que foi adquirindo ao longo da vida nas matérias a que se dedicou. O Alberto só falava do que sabia e sabia muito de muitas coisas. Porque se sentia seguro do que dizia é que não precisava de elevar a voz, nem precisava de recorrer, de forma sectária, a argumentos de autoridade.

Pessoas assim fazem muita falta. É por isso que nós continuamos a não dispensar o exemplo e o conselho do Alberto Vilaça, apesar dos seus oitenta anos. Tem paciência, camarada, mas não nos podes deixar sozinhos.

Um abraço para ti e um beijo para a Natércia.